



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO: ALGUNS DESAFIOS À REFLEXÃO TEÓRICA¹

Mariane Denise Martins².

¹ Trabalho de conclusão do curso de Bacharel em Sociologia

² Formada em Administração pela UERGS, egressa do curso de Bacharel em Sociologia da UNIJUÍ, formada em 2011, maricomunica@yahoo.com.br.

Introdução

O século XXI chegou e com ele uma infinidade de incertezas acerca de nosso cotidiano. Sob certo aspecto, o desenvolvimento do projeto de modernidade trouxe a certeza de que nada é certo, e, contraditoriamente, a ideia de uma certeza de que esta sociedade é a única possível. A crise instaurada, a partir daí, gera uma crise de paradigmas na sociedade moderna que vai envolver, inclusive, aqueles que criticam este projeto.

Os movimentos da Via Campesina, no Rio Grande do Sul, têm uma história que se inscreve, na história de resistência da América Latina a um projeto de sociedade excludente e explorador, o projeto da modernidade.

Nesta crise paradigmática da sociedade, os movimentos sociais da Via Campesina, no Rio Grande do Sul, enfraquecidos com as ações neoliberais e do agronegócio, perguntam-se, e podem ser questionados sobre suas ações e suas metodologias, desenvolvidas, até aqui.

Os Movimentos Sociais do Campo vivem, hoje, uma crise de perspectiva, pois, identificados como movimentos sociais de massa, estão com sérias dificuldades em reunir as massas e construir consciência política. Ainda, parecem também ter dificuldades em compreender quais são as questões capazes de mover as pessoas para a organização de um movimento social.

A partir da constatação da crise, e, tendo em vista a importância que o conjunto de movimentos sociais, que compõem a Via Campesina, tem no cenário nacional, é importante fazer uma análise crítica e coerente da realidade para que estes movimentos possam se reafirmar e discutir suas perspectivas.

A partir dessa análise o objetivo deste trabalho é compreender a estrutura social em que se encontram os movimentos sociais do campo, para, a partir deste entendimento, estabelecer as bases teóricas adequadas à discussão de uma reorganização teórica e/ou metodológica do movimento social camponês.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Metodologia

Este trabalho foi feito, através de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, buscando bases teóricas adequadas para sua contextualização e compreensão.

Resultados e discussão

Neste percurso da pesquisa, identifiquei a crise dos movimentos sociais, como resultado do processo histórico da América Latina.

A política neoliberal, com o objetivo de conter os movimentos sociais, teve uma ação precisa e concreta no âmbito econômico, político, social e ideológico. Ao que tudo indica, na década de 1990, conseguiu dificultar e enfraquecer os movimentos das forças populares.

No Brasil, os movimentos se desestruturaram, após a eleição de Lula, pois o Estado, não é mais seu inimigo direto, como quando surgiram, junto disso associa-se o afastamento da Igreja dos movimentos sociais, uma aliada importante na construção destes.

A partir desta realidade, buscando as bases teóricas mais adequadas para a discussão de um movimento social camponês, neste momento de descenso, preciso considerar a pluralidade social, neste sentido, é coerente resgatar elementos da pluralidade das teorias que foram produzidas, sobre os movimentos sociais, no decorrer da história.

Se hoje vivemos um período onde existe uma individualização dos sujeitos sociais, é interessante resgatar a dimensão da análise das condições de privação material e cultural dos indivíduos, que dá ênfase ao sentimento de descontentamento pessoal da teoria clássica; a teoria de Mobilização de Recursos, entendendo e trabalhando a partir dos recursos disponibilizados; a Mobilização Política, que pode trazer estes elementos de coerência na leitura conjuntural, ao identificar as oportunidades políticas. (GOHN,1997)

É preciso reconceituar o camponês e o campo, a partir da reconfiguração do capital, é preciso entender quem é o camponês do século XXI, como ele vive e quais são suas necessidades.

Para isso, Carvalho traz uma consideração importante: “A noção de campesinato aqui desenvolvida herda de Chayanov a ênfase na centralidade das necessidades reprodutivas da família no processo decisório da ‘empresa camponesa’, que, assim, constitui uma unidade- reforça-se, indissociável - entre esfera de produção e esfera de consumo”(CARVALHO, 2005, p. 183).

Considero este elemento importante, porque ele atualiza a visão de camponês, pois considera a necessidade e a possibilidade de acúmulo de meios de produção, sem a geração de lucro, já que isto seria objetivo do capital, a diferença estaria, segundo Carvalho (2005), que a unidade camponesa





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

não teria o lucro por pura maximização, mas para tornar mais eficiente a produção. A relação com o mercado, também é considerada nesta nova conceituação.

A mudança nos hábitos de consumo, aproximando muito da matriz de consumo urbano, a compra de produtos alimentares em mercados e a mudança das rotinas de trabalho camponesas a partir da absorção da tecnologia (insumos e maquinários), induzidas pela pressão das grandes empresas multinacionais, são elementos importantes de atualização na concepção do campesinato do século XXI (CARVALHO, 2005).

A partir deste entendimento encontrei, na leitura de Gohn, Edward Palmer Thompson, um historiador britânico e autor marxista, que morreu em 1993. Este autor, parece-me que conseguiu em sua leitura, fazer uma atualização da leitura marxista. Segundo Gohn este autor, vai adotar uma postura não ortodoxa e vai ter a experiência, como a principal categoria de análise para organização popular. Em resumo Thompson vai tratar questões como valores, cultura e teoria política de forma crítica, refutando a ideia de que a experiência é sinônimo de empirismo. (GOHN, 1997).

Este olhar é adequado, pois vai ao encontro com a análise feita da individualização dos sujeitos, da subjetividade individual, e da busca da compreensão sobre o que move os sujeitos. Pois, para Mejía (1996) a tarefa dos que pensam a transformação social é conectar as subjetividades dando unidade as novas identidades subjetivas.

Thompson vai trazer um elemento, que deve ser pensando, sobre o projeto político e as classes sociais, dizendo que não há nada pronto, ele é construído na práxis assim como a consciência vai sendo gerada na luta. (GOHN, 1997)

Em nossos tempos, de verdades insólitas, é difícil qualquer tipo de pré afirmação, parece-me coerente dizer que não há como fazer um projeto e depois sair à construí-lo, mas é preciso construí-lo no dia a dia.

Por fim Thompson, segundo Gohn (1997), aponta para uma questão muito importante em nossos tempos que é a unidade das lutas, a necessidade de sair dos guetos e trazer todas as reivindicações e demandas que são importantes, para um espaço comum.

Certamente é necessário uma leitura mais ampla sobre as teorias aqui apontadas, no entanto, parece-me que neste primeiro momento, estas questões e teorias levantadas, dão conta de responder ao objetivo proposto nesta pesquisa.

Conclusões

A primeira consideração é de que o Estado, teve um papel central, junto aos movimentos da Via Campesina. No surgimento destes, a pauta estava centrada em reivindicações para o Estado, tanto





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

que estes demandatários são responsáveis por uma série de políticas públicas que foram sendo incrementadas na Constituição, a partir de 1988.

O Estado brasileiro foi criado não como responsável pela garantia dos direitos civis, mas para garantir a manutenção da burguesia no poder. Adiante, com a eleição do governo do PT à Presidência da República, o Estado passa a garantir as políticas mínimas de direito civil.

O descenso/crise é fruto de uma reestruturação capitalista, externa, especialmente a partir do projeto neoliberal, que ocorreu na sociedade capitalista, para seguir garantindo esta, como estrutura econômica. Por outro lado, esta crise é fruto de uma fragilidade interna, também estrutural, que tanto tem a ver com o reflexo externo, quanto de uma estruturação interna incompatível com a realidade atual. Esta fragilidade interna tem uma relação com o Estado e o afastamento da Igreja.

Assim, além do resgate da pluralidade das teorias dos movimentos sociais, diante de uma realidade plural, trago a proposta da discussão da teoria de Edward Palmer Thompson, a partir da discussão da experiência como categoria para análise.

A partir destas avaliações e leituras, os movimentos da Via Campesina, devem buscar uma metodologia de ação que dê conta da realidade, te um diálogo com os novos movimentos sociais que tem conseguido aglutinar pessoas.

Palavras-Chave

Estado; Via Campesina; crise

Referências Bibliográficas

CARVALHO, H. M. de. O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GOHN, M. G. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MEJÍA, M. R. Transformação social: educação popular no fim do século. São Paulo: Cortez, 1996.

